



REVISTA INTER-LEGERE
WWW.CCHLA.UFRN.BR/INTERLEGERE

IMAGENS DA VIOLÊNCIA: MOSAICOS DO COTIDIANO DE UMA JUVENTUDE

IMAGES OF THE VIOLENCE: COLLAGES OF BITS AND PIECES OF TEENAGERS' EVERYDAY LIFE

José Correia Sobrinho¹

SINOPSE

A dissertação *Imagens da violência: mosaicos do cotidiano de uma juventude* tem como tema o fenômeno da violência na sociedade urbana contemporânea, cuja referência é a juventude do bairro de Felipe Camarão II, em Natal - RN. Esta é uma juventude marcada pelas diversas imagens sobre a violência que se constroem e reconstroem no imaginário da cidade de Natal, recaindo sobre este bairro e, em consequência, sobre sua juventude. No decorrer do trabalho, procuramos nos aproximar de seu cotidiano e confrontar essas imagens nos meses de novembro e dezembro de 2000, de forma intensa e sistemática, realizando nossa pesquisa de campo quase todos os dias no local mencionado.

Em nossos contactos diários, procuramos conversar com os moradores, observar seu dia-a-dia, entender um pouco do caos/ordem do lugar, de como se vive nesse cenário de ondulações, de dinâmicas emergentes. Procuramos saber como se relacionam os seus jovens moradores e o que pensam e esperam do caos/complexidade da vida que lá se revela. Tentamos entender, também, o mundo do consumo colorido pelos anúncios distantes, que criam desejos irrealizáveis para grande maioria da população.

E, neste sentido, saber como se comportam frente ao discurso circulante na cidade, que coloca o bairro como responsável por grande parte de sua

¹ - Mestre em Ciências Sociais e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, professor substituto de Prática de Sociologia pelo Dept.º de Educação da UFRN . e-mail: cronos_rn@yahoo.com.br

violência social, e como lugar onde esta violência, a morte e a destruição imperam. Nessa perspectiva, definimos como objetivos: investigar as imagens sobre a violência entre seus jovens moradores; observar a relação deles entre as imagens de *si* e do *outro*, identificadas no discurso *oficial* local construído.

Em síntese, tentamos entender como seus moradores estão presos ou como criam estratégias para escapar da rede de dispositivos discursivos difundida pela mídia que tenta identificar o bairro como o lugar da violência na geografia da cidade de Natal.

Para isto, várias foram as lanternas que nos iluminaram nesse umbral, que é a trajetória percorrida em direção ao conhecimento: Ítalo Calvino, Boris Cyrulnik, Sigmund Freud, Dale Richard e Peter Wrangham, entre outros. Todos eles despejaram sua luz sobre um campo do conhecimento, servindo-nos como bússolas nesse movediço caminho, por nós percorrido, que é o de abraçar vários campos do saber.

Como primeiro momento da pesquisa, fomos em busca de saber um pouco mais da história do bairro de Felipe Camarão. Como surgiu? Como era antes? A quem pertenciam as terras onde hoje está encravado o bairro? Que mudanças ocorreram até que o mesmo viesse a ocupar esse lugar de destaque no imaginário da cidade? Para compor esse cenário, necessário para nossas reflexões, fizemos pesquisas em fontes variadas: bibliográfica, documental, fotográfica, relatos orais.

Aos poucos, vimos um quebra-cabeça sendo montado. Para juntar as peças, que de nossa perspectiva ofereceriam sentido ao mosaico complexo, que é a vida de um bairro, precisamos ficar alerta ao que Humberto Eco (1993) nos diz em seu livro *Interpretação e superinterpretação*: é necessário cautela na contextualização dos indícios que parecem identificar os fatos que queremos construir.

Não basta buscar na superfície a relação de um sinal com outros tantos para compor uma interpretação. Nesse sentido, pretendemos com nosso trabalho demonstrar que não basta a incidência de acontecimentos de natureza violenta, no local por nós estudado, para que venhamos a construir uma superinterpretação, colocando-o como local privilegiado da violência. Com isso, buscamos um rigor epistemológico no processo de elaboração de nosso trabalho, evitando as armadilhas, muito comuns, quando isolamos ou focamos

um objeto e, a partir daí, supervalorizamo-lo, fazendo com que o mesmo ganhe dimensões e manifestações capazes de se identificar em qualquer lugar no tempo e no espaço.

As nossas entrevistas, na verdade diálogos descontraídos com os moradores, possibilitaram uma grande amizade que foi o tempero da pesquisa. Aos poucos nos desprendíamos dos estigmas exteriores, e o que não nos surpreendeu, também interiores. O medo, que ainda nos rodeava, de estarmos andando *no lugar mais violento de Natal*, aos poucos o vimos caindo por terra. Cada parte da totalidade que nos era revelada em nossa trajetória, no interior do grande mosaico, nos colocava a necessidade de contribuir no resgate da composição da identidade daquele povo. E tentamos no nosso primeiro capítulo rejuntar as peças, compor as falas, interpretar os gestos, para, a partir daí, falar de um lugar, entre tantos outros, dentro daquela comunidade.

Isto nos fez sentir parte da ânsia/busca que encontramos em alguns moradores que desejam, em um futuro próximo, um outro olhar; ou melhor, um olhar mais humano sobre o local onde moram com sua juventude; um olhar baseado numa ética pautada na esperança e na solidariedade. A ética, segundo Edgar Morin, surge na perspectiva de ser uma resistência à crueldade do mundo, da vida, da sociedade, não podendo abster-se da compreensão, da magnanimidade, da clemência e, se possível, do perdão.

O desejo de contribuir para o regaste da dignidade desses moradores ficou evidente, quando fomos convidados para participar das discussões que ocorreram no bairro durante os meses de novembro e dezembro de 2000, visando à realização do I Seminário sobre Qualidade de Vida em Felipe Camarão. Fizeram parte do evento, entidades e conselhos comunitários de Felipe Camarão I e II, Organizações Não-Governamentais que atuam no bairro, a UFRN, representada pelo Projeto UNI e diversos moradores do bairro.

No dia 20 de dezembro de 2000, durante todo o dia, realizamos as discussões com as entidades, acima citadas, e a presença de representantes do poder municipal e estadual, da Secretaria de Saúde Pública e Secretaria de Segurança Pública do Estado.

Para o evento, quatro foram os temas escolhidos, com a finalidade de discutir as questões mais evidentes colocadas pela comunidade: cidadania, violência, promoção da saúde e meio ambiente, temas capazes de fazer o

contraponto com uma reflexão sobre qualidade de vida. Entendemos esse evento como parte de um processo em discussão em todo o mundo.

Recuando um pouco no tempo, chegamos mesmo a esquecer as dificuldades e desconfiança, a partir da forma como seus moradores passaram a nos tratar nos primeiros contactos. Isto, pelo simples fato de terem construído em suas mentes a idéia de que as pessoas sempre se utilizam do bairro como local de pesquisa para seus estudos, mas nunca o bairro usufrui dos resultados dessas pesquisas realizadas com sua população. Este sentimento foi a nós revelado quando realizávamos nossos diálogos com as pessoas engajadas nos movimentos populares.

No decorrer da pesquisa, passamos a caminhar pelos becos, ruas e vielas, visitando casas, conversando com os moradores, com o auxílio de Dona Maria Helena, moradora e líder comunitária que, há quase vinte anos de luta, busca melhorias para a comunidade. E, como “Virgílio”, em *A Divina Comédia*, nos conduziu por esses becos, vilas, ruas e ruelas do inferno, purgatório e céu chamado Felipe Camarão.

Caminhávamos conversando com pessoas, todas conhecidas de Dona Maria Helena, sobre os acontecimentos ocorridos em seu cotidiano e nessas caminhadas registramos um pouco da arquitetura do lugar: casas espremidas pelo crescimento desordenado, crianças brincando em suas ruas estreitas, indiferentes aos veículos que passam. Homens e mulheres nas calçadas tentando *matar* o tempo que teima em não passar. Foi aí que vimos que caminhar por ruas retas, curvas e vazios se mostrou como um aparte importante nesse processo de aproximação da realidade que investigávamos.

Pois, como nos revela Michel de Certeau, no livro *História e Cotidiano* (2000), os processos de caminhar podem reportar-se em mapas urbanos, de maneira a transcrever-lhes os traços, aqui densos, ali mais leves, e as trajetórias, passando por aqui e não por lá. Mas essas curvas, em cheios ou em vazios, remetem somente, como palavras, à ausência do que já passou, colocando-se, dessa forma, o ato de caminhar como algo que está para o sistema urbano, da mesma forma que a enunciação, para a língua ou para os enunciados proferidos. É o caminhante que transforma em outra coisa, a partir da leitura que fará de seu olhar, cada significante especial, revelando algumas possibilidades que, como em um enunciado, também encobrem outras.

No trabalho, valorizamos as falas dos moradores como fonte importante para que, de lado com a história oficial, pudéssemos dizer algo, a partir de um outro registro, sobre uma mesma realidade. Pois, como é dito por Maria da Conceição de Almeida (1993), as duas histórias: a oficial e a acadêmica, e a vivida ou contada pelos atores são complementos de uma só. Elas se completam, contrastam-se, modelam-se mutuamente. São faces de uma mesma moeda, fração de um mesmo inteiro, pedaços complementares, mas descontínuos, de uma trajetória que jamais será captada ou aprisionada pelo pobre conceito acadêmico de totalidade.

No segundo capítulo, partimos de uma discussão sobre a juventude, enquanto categoria de análise, para, a partir daí, analisarmos a juventude do bairro em questão. Apresentada como é vista e abordada por diversos autores, essa categoria nos serviu de referência, porque, para nós, é sobre ela que recaem as imagens negativas que se cristalizam sobre o bairro. É sobre a juventude que o discurso, que coloca o bairro como responsável por toda violência social produzida na cidade, incide de forma mais intensa. Nessa perspectiva, estabelecemos a discussão sobre a juventude, fazendo relação à problemática enfrentada por ela nos anos de 1990.

No terceiro capítulo, ampliamos a discussão sobre a violência, procurando realizá-la na perspectiva de uma abordagem *biopsicossociocultural*, a partir das discussões apresentadas na obra *O Macho Demoníaco* (1999), de Dale Peerteson e Richad Wrangham, obra central da discussão enriquecida com *O Mal-estar na Civilização* (1984), de Sigmund Freud, e *Emoções e Linguagem: na educação e na política* (1999), de Humberto Maturana, dentre outras.

Na perspectiva de ampliar a compreensão da violência, a dissertação fez uso de referências teóricas que tratam de sua manifestação em outras populações não propriamente humanas. À medida que vamos no intuito de fomentar novas práticas discursivas, manifestações sociais mais sadias e uma ética da convivência pautada na esperança e na solidariedade permitem-nos condutas sociais mais desejantes.